

SINCERIDADE E FICÇÃO NAS CARTAS DE AMOR DE FERNANDO PESSOA

Leyla Perrone-Moisés

As *Cartas de amor* de Fernando Pessoa a Ofélia Queiroz foram dadas a público 23 anos após a morte do poeta¹; as cartas de Ofélia a Pessoa foram publicadas recentemente². Possuímos, assim, a íntegra da correspondência entre os dois. O namoro teve duas fases. A primeira durou de março a novembro de 1920; a segunda, de setembro de 1929 a janeiro de 1930. Da primeira fase, ficaram trinta e tantas cartas; da segunda, pouco mais de uma dezena.

Ofélia foi, ao que se sabe, o único amor de Pessoa; Pessoa, o único amor de Ofélia. O namoro foi intenso e tenso, breve no tempo factual, longo na duração existencial; mas, como se diz vulgarmente, “não deu certo”. Alguns dados biográficos são necessários para se entender essas cartas; e naturalmente insuficientes para se entender esse amor. Entender um amor é sempre uma pretensão vã; considerando-se a complexidade do indivíduo-poeta em questão, querer compreender melhor sua obra à luz dessa correspondência seria uma pretensão desmedida.

Fernando conheceu Ofélia no escritório “Félix, Valladas & Freitas”, um dos vários em que o poeta era correspondente comercial, e onde Ofélia acabava de ingressar como datilógrafa. Fernando tinha 32 anos, Ofélia 19. Fernando já era “Pessoa & Cia. Heterônima” (para usar a expressão de Jorge de Sena), desde a “noite triunfal” de 1914, na qual ele diz ter ocorrido seu desdobramento em vários poetas; já tinha vivido a aventura poética de *Orpheu* e a empreitada ruidosa de *Portugal futurista*. Buscava, então, alcançar alguma estabilidade financeira com a abertura de uma empresa tipográfica, em sociedade com alguns amigos. Enquanto isso, circulava de escritório em escritório redigindo cartas comerciais, de café em café escrevendo poemas e cartas pessoais; e mudava de residência como quem muda de camisa. Estava então novamente de mudança, à espera de sua mãe que voltava, viúva e inválida, da África do Sul.

Ofélia era uma jovem burguesa bastante independente para sua época, já que trabalhava fora de casa. Baixinha, bonitinha, e sobretudo muito viva. Falava francês, escrevia a máquina “em todos os teclados”, e arranjara aquela colocação respondendo, ela mesma, a um anúncio

de jornal. Em depoimento transcrito, décadas mais tarde, por sua sobrinha-neta, Ofélia narrou a primeira visão que teve de Fernando:

“A certa altura vimos a subir a escada um senhor todo vestido de preto (soube mais tarde que estava de luto pelo padrasto), com um chapéu de aba revirada e debruada, óculos e laço no pescoço. Ao andar, parecia não pisar no chão. E trazia - coisa mais natural - as calças entaladas nas polainas. Não sei porque, aquilo deu-me uma terrível vontade de rir” (CAFP, p. 16).

A *posteriori*, tudo isso se revelaria premonitório do destino dessa relação: o luto final, a irrealdade de um ser que flutua no ar, a falta de jeito para lidar com o real cotidiano (nas polainas entaladas), o riso de Ofélia, que os psicanalistas interpretariam como defesa e que se transformaria, depois, em muitas lágrimas. Três dias mais tarde, Fernando a preveniria de um *buraco* na passadeira da escada: “não vá a menina cair...” O “tombo” posterior de Ofélia seria bem maior. Ofélia referiu também o fato de os cães ganirem à passagem de Fernando, fato que este, “muito supersticioso”, interpretava como mau sinal.

O namoro propriamente dito começou com um corte de eletricidade. Fernando mandou um bilhete a Ofélia, pedindo-lhe que ficasse (note-se que a relação começou por escrito). Quando ficaram a sós, Fernando “pousou o candeeiro que trazia na mão” e declarou-se a Ofélia com as palavras de Hamlet: “Oh, querida Ofélia!”, etc. A primeira declaração foi, assim, por personagem literária interposta. E que personagem! Os papéis assumidos, devido à espantosa fatalidade do nome da moça, também não dispunham esse amor a um *happy end*. Entretanto, depois dessa fala literária, falaram os corpos. Fernando agarrou-a pela cintura e beijou-a “apaixonadamente, como um louco”. Dias depois, como o poeta parecia ignorar o que se passara, Ofélia escreveu-lhe a primeira carta, pedindo-lhe uma explicação. O fato de ter sido ela a iniciar a correspondência é relevante, na primeira como na segunda fase.

Nos meses seguintes, foram namorados “em segredo”, porque o pai de Ofélia era uma fera mas, sobretudo, porque Fernando exigia a mais completa discrição sobre o assunto. A correspondência revela que os encontros eram poucos e fortuitos: no escritório, à saída da missa, na rua, simulando sempre serem casuais. Falavam-se ao telefone, quando não havia ninguém por perto (o que era raro, dos dois lados) e ele passava freqüentemente diante de sua casa, para vê-la à janela. As cartas comentavam esses parcos acontecimentos. Elas não foram, assim, um acompanhamento do namoro, mas o próprio namoro. Era nelas que ocorriam os

arroubos passionais, os ciúmes baseados em indícios irrelevantes, as juras e as recriminações. Havia planos de casamento, obsessivos nas cartas de Ofélia, um tanto vagos nas de Fernando. Como, entretantes, malogrou a empresa comercial que garantiria ao noivo os meios materiais de assumir esse compromisso, a relação foi-se complicando e esfriando até a ruptura.

“Passaram-se nove anos”, relatou Ofélia. Nem um, nem outro se casara. A iniciativa de reatar relações foi, novamente, da moça. Em 1929, tendo visto uma foto do ex-noivo oferecida a seu sobrinho, o também poeta Carlos Queiroz, Ofélia manifestou o desejo de possuir uma igual. Fernando enviou-lha. Era uma foto em que ele aparecia bebendo num balcão de tasca, e a dedicatória dizia: “*Fernando Pessoa em flagrante delitro*”. Ofélia achou graça, escreveu-lhe agradecendo, ele respondeu e reataram assim o “namoro”, que não passava de visitas à casa de Ofélia, onde falavam de literatura na presença do sobrinho. No testemunho da namorada sobre essa fase, lemos: “O Fernando estava diferente. Não só fisicamente, porque tinha engordado bastante, mas, e principalmente, na sua maneira de ser. Sempre nervoso, vivia obcecado com a sua obra [...] Todo o resto lhe era indiferente”. As cartas do poeta tornam-se cada vez mais estranhas e depressivas. Desanimada, Ofélia deixa as últimas sem resposta. E assim acabou o segundo “namoro”. Até a morte de Fernando, em 1935, ambos trocaram telegramas de felicitações nos respectivos aniversários. Ofélia morreu solteira em 1991, com noventa anos. Manteve-se sempre fiel, não apenas ao namorado, mas às exigências deste em matéria de discricção.

Tratemos das cartas, propriamente ditas. Depois da publicação das *Cartas de amor de Fernando Pessoa*, vários estudiosos as analisaram. Dentre esses estudos, destacam-se o posfácio de David Mourão-Ferreira à publicação, os artigos de José Augusto Seabra³ e de Yvette K. Centeno⁴. Indiretamente ligados à essa correspondência, servindo-se dela como documento comprobatório, são de grande interesse as considerações pioneiras do primeiro biógrafo do poeta, João Gaspar Simões⁵ (em que pese o caráter um tanto esquemático de sua inspiração freudiana, e levando-se em conta, a seu favor, o fato de pouco se conhecer, então, desse namoro e dessas cartas), e a análise luminosa de Eduardo Lourenço, referente ao amor e à sexualidade em Pessoa⁶.

Embora nenhuma leitura crítica seja definitiva, o que é prova da grandeza das obras e justifica o empenho reiterado dos críticos, algumas considerações referentes a essa

correspondência podem ser consideradas como saber provisoriamente adquirido. Os mais agudos leitores dessas cartas trataram longamente os seguintes temas: 1) a aparente banalidade das mesmas, sua infantilidade e seu aspecto “ridículo”, em contraste com a obra originalíssima e altamente intelectualizada do poeta.; 2) a questão da sinceridade e do desnudamento psicológico do missivista; 3) a questão da esquiva do poeta com relação ao amor; 4) a intervenção do heterônimo Álvaro de Campos nas relações de Fernando com Ofélia; 5) a incompatibilidade entre o amor por Ofélia e a realização da obra poética, explicitada na carta de ruptura.

Sobre o primeiro ponto, tornou-se quase que inevitável citar o poema de Álvaro de Campos, “Todas as cartas de amor são ridículas”. De fato, os apelidos que se dão os amantes - Bébé, Bébézinho, Nininho/Nininha, etc. - a pobreza dos assuntos e a imitação freqüente do balúcio infantil podem parecer, à primeira vista, ridículos. Esquecendo que, naquele poema, o poeta também diz “afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas”, alguns (evidentemente, não os citados) consideraram que a publicação dessas cartas apequenavam o poeta. A isso bem respondeu José Augusto Seabra, citando Lacan, no seminário *Encore*: “a única coisa um pouco séria que se possa fazer, a carta de amor”. Quanto àqueles apelidos ingênuos ou piegas, também poderíamos chamar a atenção dos leitores para suas variantes, que são ambivalentes e assustadoramente originais: “Meu Bébé pequeno e rabino” (carta nº 13), “Víbora” (carta nº 33), “Vespa vespíssima” (carta nº 40), “Terrível Bébé” (carta nº 45), “Bébé fera” (idem), “Ácido sulfúrico” (lembrado por Ofélia). Além disso, e sobretudo, ver apenas o trivial dessas cartas é ser cego para as formulações paradoxais e fulgurantes, no melhor estilo Pessoa, Campos ou Reis, que alternam com as pieguices aludidas. Enfim, insistir nesse primeiro ponto - o do ridículo das cartas - é absolutamente... ridículo.

O segundo ponto, relativo à sinceridade do poeta, é dos mais ricos e propriamente inesgotável. Considera-se, normalmente (e falsamente) que os poetas, em suas cartas íntimas, põem o seu coração mais a nu do que em seus poemas. Ora, toda formulação linguageira implica uma retórica, mesmo que mínima. A carta, como gênero escrito, obedece implicitamente a regras de persuasão, e a persuasão de sinceridade, numa carta afetiva, é o imperativo maior. Este é mesmo o imperativo maior de todo diálogo amoroso, cujas falas são do tipo que os lingüistas classificam como performativo: “eu juro”, “eu prometo”, etc.

Freqüentemente, é disso que se trata explicitamente, como o faz Hamlet, naquela mesma declaração que Fernando tomou de empréstimo: “Meço mal os meus versos; careço da arte de medir os meus suspiros; mas amo-te em extremo. Oh! Até do último extremo, acredita!”

Por essas razões, acreditar que as cartas de amor de um poeta são mais reveladoras de seu “verdadeiro eu” do que seus textos literários é mais do que um engano, é uma ingenuidade. Em se tratando de Fernando Pessoa, poeta que fundamentou o essencial de sua obra na questão do “fingimento verdadeiro”, o problema da sinceridade de suas cartas de amor é uma questão em abismo e, por isso mesmo, fascinante. Que Pessoa tenha verdadeiramente amado Ofélia, comprova-se mais pelo conjunto das cartas e pelo doloroso percurso existencial que elas indiciam, desde a paixão até a abdicação, do que por qualquer formulação isolada das mesmas.

Mais do que qualquer amante, Pessoa conhecia as armadilhas da “sinceridade”. Diferentemente da maior parte dos namorados, que imploram por juras sinceras, ele escrevia a Ofélia: “Compreendo que uma pessoa doente é maçadora, e que é difícil ter carinhos para ela. Mas eu pedia-te apenas que *fingisses* esses carinhos, que *simulasses* algum interesse por mim [...] faze, ao menos, por o fingires bem” (20 de março de 1920).

A questão nº 3 se refere à complicada sexualidade do poeta. Contrariando o simplismo dos que querem ver Pessoa como um homossexual puro e simples (se é que tal coisa existe!), o que as cartas a Ofélia comprovam (e a obra poética mostra à saciedade), é que a realização física do amor era, para Pessoa, uma dificuldade intransponível. As centenas de páginas sobre o assunto, escritas pelos melhores especialistas do poeta, remetem todas à evidência textualmente comprovada de um horror pelo próprio corpo e pelo corpo alheio, um anseio de regresso a uma infância assexuada, que se manifesta, nos momentos mais “saudáveis”, como sublimação do desejo, e nos momentos mais “doentios”, como tendência necrófila. Ninguém tratou desse assunto com maior compreensão e sutileza do que Eduardo Lourenço, ao falar da “sexualidade branca” de Pessoa. Nos atuais e tão *fashionable* “estudos de gênero”, à maneira norte-americana, Pessoa só poderia estar na categoria *queer* (peculiar, esquisito); o que, por si só, não contribuiria em nada para o conhecimento de sua obra enquanto arte e enquanto genial.

Aquela dificuldade de ser “alguém”, que o caracterizou no plano psicológico e filosófico, e que se resolveu artisticamente na ficção heteronímica, é também (ou fundamentalmente, diria

a psicanálise) uma dificuldade de viver o sexo e o amor. As cartas a Ofélia e o que elas revelam, como duplo movimento de arroubo e de esquiva, tendo como desenlace a desistência e o afastamento, são documentos comoventes de um drama existencial que sua poesia exibiu, explorou, e sublimou em arte maior. Se, por absurdo, não se conhecesse nenhum documento existencial de Pessoa, poder-se-iam deduzir as características de uma eventual relação amorosa sua a partir de uma leitura atenta da obra, sobretudo do *Livro do desassossego*. Mas, evidentemente, deduzir a obra da vida, ou deduzir a vida da obra não são a melhor maneira de se fazer crítica literária.

O quarto ponto, que mistura arte e vida, é mais instigante, além de mais divertido. Todos os leitores críticos das cartas ressaltaram a intervenção explícita, intempestiva e progressiva do fictício Álvaro de Campos, no namoro real de Fernando com Ofélia. De fato, desde a carta nº 13, o heterônimo começa a intervir. Fernando observa aí que sua letra está um pouco esquisita, e dá a esse fato três explicações: a primeira, é ser o papel da carta “muito corredio, e a pena passar por ele muito depressa”; a segunda, é ter bebido metade de uma garrafa de vinho do Porto; e a terceira, “é haver só duas razões, e portanto não haver terceira razão nenhuma (Álvaro de Campos, engenheiro)”. Na carta nº 19, Campos se torna co-redator: “Se o Bébézinho quiser estar à janela, vê o Nininho passar. Se não quiser, não o vê (É autor desta última frase o meu querido amigo Álvaro de Campos)”. Na carta nº 22, lá está ele de novo: “Tens hoje do teu lado o meu velho amigo Álvaro de Campos, que em geral tem sido só contra ti! Alegra-te!”. E estará cada vez mais presente, e mais incômodo para Ofélia, como se vê na carta nº 26: “Hoje sentir-me-ia muito melhor se pudesse contar com ir logo ver a Nininha, e vir para baixo de Belém com ela, e sem o Álvaro de Campos; que ela, naturalmente, não gostaria que esse distinto cavalheiro aparecesse”.

O “distinto cavalheiro” continua intervindo, e tanto, que acaba por substituir o titular do namoro. Na carta nº 35, Fernando refere “uma onda negra que me está caindo sobre o espírito”. Essa “onda negra”, que o faz dizer a Ofélia “Nunca esperes por mim”, tem nome: “Afim o que foi? Trocaram-me pelo Álvaro de Campos”.

Na segunda fase da correspondência, Pessoa não refere mais Álvaro de Campos; faz muito mais do que isso: passa-lhe a pena. É este quem lhe escreve a carta nº 41, para qualificar Fernando Pessoa de “abjeto e miserável indivíduo”, além de “meliante”. A carta foi redigida na

tasca Abel, comprovando mais uma vez a ligação de Campos com o álcool. Conformado com a intervenção do heterônimo, na carta nº 42, Fernando anuncia que virá acompanhado de seu velho amigo, cuja presença, “aliás agradável” não pode evitar, e que este tem algo a dizer a Ofélia. Algo que Fernando aguarda, “silencioso, atento e até expectativo”. A carta nº 46, embora assinada “*Fernando*”, foi visivelmente escrita pelo outro. É uma carta amalucada e humorística, que contém uma metáfora típica do “engenheiro” (“Partiu-se a corda do automóvel velho que trago na cabeça”) e termina com onomatopéias futuristas, semelhantes às das grandes “Odes” de Campos. Finalmente, a última carta, de 11 de janeiro de 1930, contém um poema exdrúxulo enviado com “a devida autorização do snr. Eng. Álvaro de Campos”, o qual poema “deve ser lido de noite e num quarto sem luz”. É o “Poema pial”, em que se referem dez pias onde as pessoas devem se meter.

Acabou-se o namoro e, pode-se dizer, venceu Álvaro de Campos. Nenhum dos críticos deixou de observar que este era, declaradamente, o homossexual da *coterie*, e que, portanto, só podia detestar Ofélia. O mais extraordinário e menos observado pelos críticos é que Ofélia se prestou ao jogo. Em seu afã de agradar Fernando, ela tratava Campos como um ser de carne e osso. Não desprovida de humor, mas desprovida de malícia, ela ajudou, assim, a obra destrutiva do engenheiro. Numa carta do início do namoro (23 de março de 1920), ela dizia a Fernando que rezaria por ele, mas não pelo Sr. Álvaro de Campos, “porque ele é maluco”. E, até o fim da segunda fase, persistiria no jogo: “Visto que o Sr. Eng. A. C. autorizou que me escrevesse depois de amanhã à noite, o meu amor vai dar-me essa alegria, não vai?” (7 de novembro de 1929). No depoimento registrado pela sobrinha-neta, ela confirmava:

“O Fernando era um pouco confuso, principalmente quando se apresentava como Álvaro de Campos. Dizia-me então: ‘Hoje não fui eu que vim, foi o meu amigo Álvaro de Campos’... Portava-se, nestas alturas, de uma maneira totalmente diferente. Destrambelhado, dizendo coisas sem nexos. Um dia, quando chegou ao pé de mim, disse-me: ‘Trago uma incumbência, minha senhora, é a de deitar a fisionomia abjeta desse Fernando Pessoa, de cabeça para baixo num balde cheio de água’. E eu respondia-lhe: ‘Detesto esse Álvaro de Campos. Só gosto do Fernando Pessoa’. - ‘Não sei porque - respondeu-me - olha que ele gosta muito de ti’”.

Menos ressaltada do que a presença de Álvaro de Campos, nas relações com Ofélia, é a presença de outros heterônimos e pseudônimos. Aliás, as cartas revelam um namoro cercado e atrapalhado por muita gente, real e fictícia. Reais, eram o Osório, *office boy* que levava e trazia

as cartas, os colegas de escritório que espionavam, e sobretudo os parentes de Ofélia que, para desgosto de Fernando, liam as cartas e vinham à janela espíá-lo quando passava. Por esse caráter furtivo, o namoro era deambulatório: várias cartas contém quase que exclusivamente referências a logradouros e percursos lisboetas onde, “por acaso”, eles podiam encontrar-se. Já os intervenientes fictícios, estes não se limitavam ao “engenheiro”. Nas primeiras cartas, fala-se muito do Sr. Crosse, pseudônimo usado por Pessoa para concorrer em concursos de palavras-cruzadas do *Times*, na esperança de ganhar um prêmio em libras esterlinas que lhe permitiria montar casa e casar-se. Também, nessas, é freqüente o nome Íbis, pelo qual Pessoa se auto-designava quando brincava com os sobrinhos, e que seria, aliás, o nome da malograda tipografia, outra condição para o casamento. Íbis era um nome usado indistintamente para designar Fernando e Ofélia, a “Íbis do Íbis”. O nome sugere, pelo menos, duas coisas. Aos sobrinhos, Fernando dizia que o íbis, pássaro do Egito, estava sempre apoiado numa perna só e, por isso, *não avançava*. Além disso, Íbis era uma representação do deus Toth, inventor da escrita entre os egípcios.

Mas, com tantos nomes, não seria o nome próprio uma ficção? Sobre o onomástico “Pessoa” e suas ambigüidades, o próprio Fernando brinca, no fecho da carta nº 38: “Estas palavras são de um indivíduo que, aparte ser P/essoa, se chama preliminarmente *Fernando*”. Ofélia era realmente perspicaz. Lidando com essa pessoa que era tantos e ninguém, ela subscreveu um de seus envelopes: “*Monsieur Ferdinand Personne*”⁷.

Entretanto, não foi a intromissão de outros, reais ou fictícios, a razão maior para o malogro do romance. Podemos atribuir esse malogro à neurose do noivo, que em suas primeiras cartas fala obsessivamente de suas doenças físicas, e, nas últimas, de suas doenças mentais. Podemos juntar a isso às exigências exclusivas da obra a cumprir. Fernando sentiu, por um tempo, certa atração pela idéia de casar-se, de ter um lar; e, como diz numa carta, se isso acontecesse só seria com Ofélia. Mas o horror de ser “casado, fútil, tributável”, “de companhia” (Álvaro de Campos) predominou. Como bem viu Ofélia, a prioridade absoluta de sua existência era a obra. E por mais que a pobre moça lhe acenasse com o conforto, o silêncio e seu próprio apagamento naquele hipotético lar, para que ele pudesse escrever, Fernando optou pela solidão. A carta de rompimento, de 29 de novembro de 1920, é uma das mais belas que se conhecem de um escritor, pela pungência do sentimento e pela grandeza da expressão:

“Fiquemos, um perante o outro, como dois conhecidos desde a infância, que se amaram um pouco quando meninos, e, embora na vida adulta sigam outras afeições e outros caminhos, conservam sempre, num escaninho da alma, a memória profunda do amor antigo e inútil. [...] O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ofelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais à obediência de Mestres que não permitem nem perdoam. Não é necessário que compreenda isso. Basta que me conserve com carinho na sua lembrança, como eu, inalteravelmente, a conservarei na minha. *Fernando.*”

O início desse trecho é “Bernardo Soares”, o miolo é “Ricardo Reis”, e a conclusão é de Fernando ele mesmo, em sua humana condição. O escandaloso Álvaro de Campos fica fora desse grave acerto final. A “outra Lei” e os severos “Mestres” de que fala Fernando são interpretados, pelos ocultistas, como referência à iniciação do poeta. Poderíamos também atribuir essas alusões à exigências do superego, ou, muito conscientemente, à concentração total exigida pela escrita poética. De qualquer maneira, o “verdadeiro” sentido dessas referências permanecerá oculto, e não é necessário que as compreendamos para as admirar.

Naquela época era de praxe, em caso de ruptura, a devolução das cartas trocadas. Mas Fernando pediu: “Eu preferia não lhe devolver nada, e conservar as suas cartinhas como memória viva de um passado morto.” Pode haver maior delicadeza e melhor definição do que serão, ao fim e ao cabo, todas as cartas de amor?

¹ *Cartas de amor de Fernando Pessoa*, Lisboa-Rio de Janeiro, Ática-Camões, 1978.

² Lisboa, Assírio-Alvim, 1996.

³ “Amor e fingimento (sobre as ‘Cartas de amor’ de Fernando Pessoa)”, in: *Persona nº 3*, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, 1979.

⁴ “Ophélia - bébezinho ou o horror ao sexo”, in: *Fernando Pessoa, o amor, a morte, a iniciação*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1985.

⁵ “O enigma de Eros”, in: *Vida e obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, Bertrand, 1950.

⁶ “Álvaro de Campos I ou as audácias fictícias de Eros”, in: *Pessoa revisitado. Leitura estruturante do drama em gente*, Porto, Editorial Inova, 1973, e “Fernando Pessoa e o não-amor”, in: *Fernando, Rei da nossa Baviera.*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.

⁷ Maria José de Lancastre, *Fernando Pessoa. Uma fotobiografia*, Lisboa, Imprensa Nacional-Centro de Estudos Pessoaanos, 1981, p. 212.